

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura                | Anno<br>86 n.º | Semest.<br>18 n.º | Trim.<br>9 n.º | N.º<br>à<br>entrega |
|--------------------------------------|----------------|-------------------|----------------|---------------------|
| Portugal (franco de porte. m. forte) | 3\$800         | 1\$900            | 5950           | 5120                |
| Possessões ultramarinas (idem)...    | 4\$000         | 2\$000            | —              | —                   |
| Extrang. (união geral dos correios)  | 5\$000         | 2\$500            | —              | —                   |

18.º Anno — XVIII Volume — N.º 580

5 DE FEVEREIRO DE 1895

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento, de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe. e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Cactano Alberto da Silva.



## CHRONICA OCCIDENTAL

Ha coisa de quatro mezes, para mais que não para menos, que uma doença tão impertinente quanto incommoda anda de volta comigo, massando-me continuamente, obrigando-me sempre a pensar n'ella, a rodeal-a de attentões, tanto de dia como de noite, a tratál-a com todo o carinho, para se não assanhar, porque quando se zanga é levada da breca, e assim tenho passado todo o inverno mettido noite e dia em minha casa, sem me atrever a pôr o pé na rua, o que, dado o tempo que tem feito, não é muito para lastimar, mas, dada a minha profissão de chronista, me tem feito um transtorno diabolico.

Não me tenho enarcado com as bategas d'agua que tem cahido torrencialmente, não tenho ido pelos ares com a ventania que tem soprado por essas ruas, arancando telhados e desenterrando eucalyptus, é verdade; mas tenho deixado passar todas as novidades theatraes d'este inverno sem lhes pôr a vista em cima e só por informações tenho podido fallar do Fregoli, da companhia Tomba, da dança serpentina a cavallo, do tenor De Marchi, do Medico á força, do maestro Goula, da Ignez de Castro, das peças novas do Gymnasio, de todos esses acontecimentos em summa, que, mais ou menos importantes, tem constituído o inverno theatral; a estação de 1894-1895.

A ultima vez em que sahi á rua de noite, em que já muito agasalhado, com todas as cautellas e resguardos entrei em um theatro, foi na

noite da inauguração do theatro de D. Maria, na *première* do *Pantano*, e por signal, apesar de todos os cuidados, passei de noite bem incommodado, a ponto de mal poder vêr a peça, como aqui mesmo contei, se bem me lembro, aos meus leitores.

Depois nunca mais soube o que era sahir de noite, e como no fim de contas o homem é um animal feito de habitos e como o habito é uma segunda natureza, eu não tenho tido outro remedio senão habituar-me a esta reclusão obrigatoria e cá me vou habituando, sem grande prazer, mas

com uma evangelica resignação que espero me será contada no dia de juizo.

De todas as contrariedades, porém, que a minha doença me tem imposto, e não são ellas tão poucas como isso, a que me tem doído mais, aquella a que me custou mais a resignar foi a que ella me fez na sexta feira passada, prohibindo-me d'ir ao Gymnasio assistir á representação da comedia *Lição cruel* de Pinheiro Chagas

E custou-me muito porque ha seis mezes, desde o dia em que na Linda a Pastora, Pinheiro Chagas me disse que estava a pensar n'uma peça para o Gymnasio, depois de ha 22 annos andar affastado de peças, que eu fasia para mim uma festa de assistir ao regresso, ao theatro portuguez, d'esse extraordinario escriptor que fôra uma das suas mais brilhantes glorias.

Infelizmente o homem pôe e a doença dispõe e eu que desde a *Magdalena* assistia sempre a todas as *premières* de Pinheiro Chagas, não poude assistir á *première* da *Lição cruel*, a comedia em que o glorioso auctor da *Morgadinha*, ao cabo de vinte e dois annos de ausencia, voltou ao theatro a afirmar mais uma vez os seus exceptionaes dotes de auctor dramatico.

O publico e a imprensa fizeram-lhe um acolhimento entusiastico, uma recepção triumphal, como era de dever e de justiça.

Não conhecemos a comedia mas conhecemos o talento gigante de Pinheiro Chagas, talento fadado mais do que nenhum para o theatro, talento que brilha e triumpho em todos os generos mas que teve sempre no genero theatral por ventura a sua mais brilhante feição.

A *Lição cruel* é uma comedia alegre, tendo apenas nas ultimas scenas do terceiro acto uns pequenos assomos de drama e quem conhece bem todo o theatro de Pinheiro Chagas, quem conhece a parte comica da *Morgadinha*, da *Magdalena*, da *He-*



ALMIRANTE JOSÉ BAPTISTA DE ANDRADE

(Copia de uma photographia)

lena, sabe o espirito enorme que elle tem, a graça finissima com que elle sabe fazer comedia.

A *Lição cruel* subiu á scena na noite do beneficio da gentil actriz Beatriz Rente que tem na peça o papel principal, papel de responsabilidade, segundo dizem e que segundo dizem tambem ella desempenha magistralmente.

A peça teve um enorme successo. Auctor e artistas foram repetidas vezes chamados á scena e vivamente victoriados.

No meio da nossa doença foi para nós uma enorme alegria a noticia d'esse ruidoso triumpho, que nos promette esperar que a peça viverá no palco do Gymnasio o tempo bastante para que a nossa enfermidade nos dê licença de a irmos vêr e juntar os nossos applausos e os nossos bravos aquelles com que tojas as noites o publico entusiasmado aclama o nome glorioso de Pinheiro Chagas.

\* \* \*

No theatro de D. Maria deu se tambem uma peça nova portugueza que teve grande exito, o *Velho Thema*, drama de Marcelino de Mesquita, o auctor applaudido dos *Castros*, da *Leonor Telles* e da *Perola*.

Logo que o nosso estado de saude noi o permitta iremos vêr o novo drama e diremos d'elle.

\* \* \*

A novidade grande de Lisboa é a reunião do congresso viticola portuguez, que trouxe á capital numerosos congressistas das provincias, e que é um facto de importancia notavel para o desenvolvimento material e economico do nosso paiz.

O congresso inaugurou se na segunda feira 4 do corrente, pela 1 hora e meia da tarde, na sala da bibliotheca da Acedemia Real das Sciencias.

No alto da sala, sob um grande docel, estava elevado o throno destinado á familia real: á esquerda do throno a meza dos tachygraphos e a meza da presidencia.

Defronte da meza da presidencia estavam as cadeiras destinadas ao ministerio, ministros d'estado honorarios e comitiva real.

O resto da sala era occupado pelos congressistas e membros da imprensa.

À uma hora e meia da tarde entraram na sala das sessões, tomando logar no throno El-rei D. Carlos e a rainha a sr.<sup>a</sup> D. Amelia, que pela primeira vez apparecia em solemnidades publicas, depois do fallecimento de seu Augusto pae.

Sua magestade trajava rigoroso lucto. A sr.<sup>a</sup> D. Maria Pia e o sr. infante D. Affonso não compareceram por incommodo de saude.

A meza da presidencia era occupada pelo sr. conde de Bretiandos, presidente do congresso, secretario pelo sr. Achilles Ripamonti, Joaquim José d'Azevedo, D. Fernando d'Almeida e José Guilherme Macieira.

O sr. conde de Bretiandos inaugurou a sessão lendo um extenso e bem escripto discurso em que accentuou a importancia da viticultura como um dos principaes elementos da riqueza nacional, e que terminou pedindo a El rei D. Carlos que se dignasse abrir a sessão do congresso.

Sua magestade El-rei leu então o discurso inaugural do congresso, discursando em seguida em nome do governo o sr. ministro das obras publicas.

Por parte da associação de agricultura fallou o sr. Henrique Mendia, e o sr. Ripamonti, 1.<sup>o</sup> secretario da meza, leu em seguida as conclusões dos diferentes relatorios apresentados ao exame do congresso.

Finda essa leitura o sr. conde de Bretiandos, pedindo venia a El-rei, declarou encerrada a sessão inaugural do congresso, annunciando que a primeira sessão plenaria da discussão dos pareceres se realisasse no dia immediato ao meio dia, na mesma sala.

A concorrência foi enorme, cerca de duas mil pessoas, entre as quaes muitas senhoras da nossa primeira sociedade.

Calcula se em 1300 o numero de congressistas vindos pelas liras de sul e sueste.

El-rei D. Carlos vestia de generalissimo com a gran cruz da ordem do merito industrial e agricola.

Às 9 horas da noite do mesmo dia reuniu no Atheneu Commercial a secção cenologica do congresso, sob a presidencia do sr. Dr. Domingos Pinto Coelho, havendo interessante discussão entre os srs. Pestana da Silva, Antonio Batalha Reis e Isidoro de Souza.

Na Sociedade de Geographia reuniu ás mesmas horas a secção cultural presidida pelo sr. Borges de Sousa.

Na proxima chronica daremos noticia rapida do que se tiver passado n'este congresso, cuja importancia não é necessario encarecer e cuja reunião está chamando as atenções da capital.

Gervasio Lobato.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### O ALMIRANTE JOSÉ BAPTISTA D'ANDRADE

José Baptista d'Andrade. Eis um nome que synthetisa actualmente toda a serie de honrosas tradições, toda a gloria da heroica marinha de guerra portugueza, da qual é hoje o official superior.

Recentemente elevado ao posto de almirante, por distincção, acaba o sr. Baptista d'Andrade de receber a maior honra que a patria agradecida lhe podia dar, como justo premio ao seu valor, aos seus prestimosos serviços, e aos seus merecimentos.

A vida do venerando almirante, pode-se descrever constituindo uma biographia perfeitamente homogenea em acções heroicas, que lhe tem valido justissimas e merecidissimas recompensas honorificas pois as cicatrizes que lhe ennobrecem o peito são tantas como as medalhas e veneras que lhe tem sido concedidas pelas importantes commissões que tão distinctamente tem desempenhado.

Verdadeiro heroe, as suas façanhas compõem um poema de valentia. Os governos acostumados a apellar para a nunca desmentida bravura e abnegação patriótica de tão valente official, quando um acontecimento difficil vem perturbar a marcha regular da administração das nossas colonias, nunca deixaram de lhe entregar alguma commissão arriscada que exigisse mão segura e certa.

Para, em poucas phrases, dar uma idéa completa do Almirante Baptista d'Andrade basta dizer que, todas as honras que se podem alcançar, todas lhe tem sido conferidas com a mais recta e devida justiça.

Assim, basta passar pelos olhos o mappa do corpo dos officiaes superiores da marinha militar, onde se vê que, o conselheiro José Baptista d'Andrade é hoje o 1.<sup>o</sup> da sua classe e o unico do seu quadro, com o posto de almirante; que nasceu em 27 de março de 1819 contando portanto hoje setenta e seis annos de idade; que se alistou no dia 13 de setembro de 1833 sendo promovido ao posto de guarda marinha em 11 de dezembro de 1840, a segundo tenente em 19 de setembro de 1844 e, por distincção, a primeiro tenente em 27 de setembro de 1845, a capitão tenente em 19 de abril de 1858, a capitão de fragata em 21 de setembro de 1860, a capitão de mar e guerra sem prejuizo de antiguidade em 11 de agosto de 1862, a contra almirante, igualmente por distincção, em 19 de fevereiro de 1873, a vice almirante em 26 de julho de 1880 e finalmente, tambem por nobilissima distincção, promovido, ha dias, a almirante, honra excepcionalissima com que o governo portuguez o agraciou.

Menciona succintamente ainda o mesmo mappa as diversas acções de guerra em que entrou em 1857, na provincia de Angola e nas operações intentadas para castigar a revolta de varios regulos indigenas; na defeza do Bembe, em 1860, commandando em chefe as forças da expedição ao norte do rio Dande. Governador geral de Angola e Ambriz. Commandante do cutter *Andorinha*, da polaca *Esperança*, do brigue *Corimba*, da fragata *D. Fernando*, e da corveta *Estephania* Superintendente das minas de cobre do Bembe, deputado da nação, inspector da Escola Naval, commandante geral da armada, etc.; commissões cujo desempenho glorioso e cabal lhe tem valido especialmente as seguintes condecorações e honrarias: carta de conselho, grã-cruz, commendador, official e cavalleiro das ordens da Torre e Espada e de S. Thiago; grã-cruz da ordem de S. Bento de Aviz, commendador das ordens da Roza, do Brazil, de Carlos III de Hespanha; e medalha de ouro de Africa concedida por serviços distinctos e assiduos, medalha militar de ouro, da classe de comportamento exemplar.

Exerce actualmente as seguintes commissões: vice-presidente do conselho do almirantado por decreto de 17 de agosto de 1892; primeiro ajudante de campo e chefe militar da casa militar de

Sua Magestade El-Rei, por decreto de 24 de abril de 1890; par do reino vitalicio, nomeado em 8 de janeiro de 1880; vogal da junta consultiva do ultramar e vice presidente da direcção do Instituto Official destinado a dar protecção ás familias dos funcionarios militares e civis, fallecidos no ultramar.

Após o que se leu, que poderemos nós dizer que se não evidencie eloquentemente em toda a grandeza do seu valor, ácerca do venerando almirante portuguez José Baptista d'Andrade, a quem hoje O OCCIDENTE presta a sua homenagem, homenagem sincera aos dotes de alma e coração, ás virtudes que adornam o caracter honesto do bravo contemporaneo, que vai deixando assignalada com um rastro glorioso a sua carreira brilhantissima como o primeiro official da marinha de guerra portugueza.

### EVORA, A PRAÇA DO GERALDO

A nossa gravura representa não só a praça do Geraldo mas tambem a igreja parochial de Santo Antão.

O primitivo templo era da invocação de Santo Antoninho, era mais pequeno e tinha o portal voltado a poente, tendo annexa a albergaria.

Para o lado da praça e em frente da porta tinha o seu adro, certamente muito maior que o actual porque como se vê de um documento interessante, no dia 6 de fevereiro de 1286 ahi esteve D. Diniz com a sua côrte, ajustando certa convenção com o conselho, alcaide, juizes, homens bons, vassallos e representantes dos arrabaldes da cidade: documento que, como muito bem diz o erudito archeologo sr. Gabriel Pereira, nos seus *Estudos Eborenses*, a que nos soccorremos, nos prova que já no seculo XIII era a praça considerada sitio principal da cidade, embora estivesse fóra da cerca velha.

Para o lado do norte deitava a albergaria para a rua dos Gayos; a construcção da nova igreja fez desaparecer essa rua, mas ainda hoje, pela disposição dos edificios proximos se reconhece a sua direcção parallelá á do Imaginario, indo da rua direita da Porta Nova, depois rua Ancha á rua dos Caldeireiros.

Na idade media os contractos para maior solemnidade celebravam se nos adros das igrejas, nas crastas ou mesmo nos baptisterios. Certa escriptura do hospital de Jerusalem, em 1382 fez-se no adro de Sant'Antoninho.

D. João de Mello foi o primeiro prelado eborense que se chamou prior de Santo Antão; o segundo foi o cardeal rei quando pela segunda vez veio a Evora. Então levou a effeito a grande obra da reconstrucção do templo.

O modo de vêr e pensar tem variado muito; hoje gostamos immenso de vêr o primitivo, no simples e austero estylo gothico, cheio de velhos ediculos e de antigas memorias. O cardeal destruiu tudo para erguer o actual templo, vasto, de peza da architectura, de grande fachada sem caracter religioso.

Em 17 de abril, de 1568 houve um tremor de terra em Evora cabindo n'esse dia, sabbado de alleluia, a igreja e abobada de Santo Antão, matando nove homens. Emquanto duraram a ruina e as obras esteve a freguezia em Santa Martha.

A fonte que se vê em frente da igreja foi mandada fazer pelo cardeal rei. E' a chamada fonte da agua de prata e á qual se ligam tradições curiosissimas.

Dentro da igreja ha verdadeiros thesouros artisticos: Assim o frontal rico é uma obra de arte notavel: é bordado a ouro sobre forte linhagem; rostos, mãos e pés das figuras em seda pintada: são 22 figuras, no centro o Senhor com a cruz e a flagellação. Aos lados, figuras de santos, nimbados, com symbolos. S. Pedro, S. Paulo, S. André, S. Thiago, S. José, etc.

Este frontal está formado por sebastos de capas que se estragaram.

O altar-mór de Santo Antão attribuido ao seculo XII é um monumento do mais alto valor artistico.

O corpo da igreja tem 33 metros de comprido, por 17 de largo; as columnas que sustentam as abobadas são muito singelas e bastante pezadas, de granito; inteiramente rebocadas e formando trez naves.

Na capella-mór está a imagem de Santo Antão, o orago da freguezia; o trabalho de talha não é de primeira ordem, é do fim do seculo XVI tempo do arcebispo D. Luiz da Silva que empregou sommas consideraveis em obras da igreja. No cruzeiro á esquerda, a capella de Nossa Senhora do Rozario, antigamente de Nossa Senhora dos Prazeres.

As capellas do lado esquerdo são a da Senhora dos Remedios, Senhora dos Prazeres, antigamente de Sant'Anna, de S. Crispim e de S. Crispiano, aonde está a sagrada familia, a da Senhora da Alegria e o baptisterio.

Ainda ha outras capellas do lado direito e entre os paineis mais notaveis que as ornãm devem citar-se o grande quadro da capella das almas, que é obra de Jeronymo Corte Real e está pintado em madeira; e um admiravel Santo Agostinho que se diz ser de Vieira Lusitano.

Como se vê, é esta igreja cheia de tradições e a praça do Geraldo, pelo que fica dito se pôde apreciar que, é o lugar principal da rica cidade do sul, tão notavel por todos os respeitos, — a historica Evora.

## MATTA NACIONAL DE LEIRIA

É preciso entrar na matta de Leiria e percorrer os seus melhores povoamentos, para vêr o pinheiro bravo em toda a sua exuberante vegetação, encontrando-se arvores cujos troncos muito vareiros e cilindricos, de casca lisa e delgada, apresentam as ramificações da copa a mais de vinte metros de altura.

Em outros logares do paiz, ou fóra d'elle, não existem pinheiros bravos tão altos como os maiores que ali se vêem, o que não admira, porque na matta de Leiria estão reunidas as melhores condições para esta especie de arvoredo prosperar. De facto, a visinhança do mar, o clima temperado e um terreno arenoso, fundo e muito humoso, que se apresenta vestido e ensombrado, em muitas partes, de viçoso *subosque*, composto de variados mattos e arbustos, que lhe conservam a frescura e fertilidade, são circunstancias que todas concorrem n'esta matta e contribuem quanto é possível, para que os pinheiros atinjam, com frequencia, as suas maiores dimensões.

A fig.<sup>a</sup> 1 mostra-nos dois grandes pinheiros, que estão junto da *Ponte dos Lavradores*, sendo um muito notavel pela sua grande altura — trinta e oito metros — e o outro, que não é tão alto, mas que apresenta alguns grandes ramos bastante pendentes e descabidos, disposição que é rarissimo encontrar nos pinheiros bravos.

As madeiras de cualidade mais superior, que se produzem na matta de Leiria, são as de cerne e como só se obtem nos pinheiros de muita idade, costuma-se, quando se praticam os cortes de exploração, resalvar algumas arvores, que se escolhem entre as mais altas, direitas e vigorosas, deixando as vegetar ainda durante grande numero de annos, dar tempo a que possam converter em cerne grande parte do seu lenho.

Os pinheiros que se destinam á produção do cerne, tem o nome de *reservas* ou *brazões* e a fig.<sup>a</sup> 2 reproduz uma photographia de dois talhões do cantão do Pilado, nos quaes se vêem muitas d'estas reservas, que são bastante notaveis pelo seu porte elevado e esbelto.

Esta photographia, bem como a que está reproduzida da fig.<sup>a</sup> anterior, foram tiradas em 1886.

A madeira de cerne na matta de Leiria é das melhores que se conhecem, dura innumer annos em bom estado de conservação, tanto em obras interiores, como expostas ao tempo. Na real fabrica de vidros da Marinha Grande, os madeiramentos do palacio e da casa da olaria são de cerne e datam da fundação da mesma fabrica; tem hoje mais de 120 annos e estão perfeitamente conservadas.

C. A. DE SOUSA PIMENTEL.

## Uma Heroína Franco-Portugueza

(Continuado do n.º 579)

V

Quando começára o bloqueio de S. Thome de Meliapor pelos holandezes, uma fragata ligeira franceza *Diligente* conseguiu escapar se levando a bordo um official intelligentissimo que Lahaye encarregára de procurar nas proximidades de Meliapor um sitio em que os francezes se podessem refugiar, porque Lahaye já previa que Meliapor não se poderia sustentar por muito tempo. Quando o almirante se viu obrigado a capitular as suas ordens estavam cumpridas, Francisco Martin estabelecera-se n'uma visinha aldeia de pescadores indianos que lhe chamavam Phulchery. Os francezes corromperam-lhe logo o nome, que se acha transformado nos documentos d'essa época em

Pudichery. Como os leitores facilmente já notarão, era Pondichery que nascia.

Pouca importancia ligou a França a essa colonia que, fundada em 1674, esteve completamente abandonada em 1693, mas que não deixou comtudo de progredir, graças á dedicação e á intelligencia e ao zelo do seu fundador Francisco Martin que a não largou. N'esse anno Pondichery foi tomada pelos holandezes que a cercaram, mas a resistencia foi prolongada. Na paz de Ryswick os holandezes tiveram que restituir a sua conquista.

Voltou então a Companhia das Indias, mais a sua attenção para essa colonia, chamou á França Martin que em 1699 voltou á India com um grande numero de navios, que transportavam colonos e muitos elementos de reformas importantes. N'um d'esses navios ia um joven cirurgião parisiense de 24 annos chamado Jacques Theodoro Albert. Era simplesmente cirurgião de marinha, mas Francisco Martin tanto instou para que elle ficasse na colonia que afinal cedeu. Adquiriu fama, começou a ser chamado ás povoações proximas como Meliapor e Madrasta. Foi assim que se achou n'estes ultimos tempos, em 1705. (chamado talvez para tratar alguma familia portugueza, a propria familia Castro é possível onde ia encontrar noiva.) Isto porém é simples conjectura, mas o que sabemos é que se achou de qualquer modo relacionado com umas d'aquellas familias de que fallámos no principio d'este artigo. Familia de portuguez da Europa casado com uma indiana catholica. Elle chamava-se Thomé Rodrigues de Castro, ella fóra baptizada com o nome de Joanna. Tinham filhos, e entre elles uma filha gentilissima, Isabel Rosa, pela qual se apaixonou o cirurgião francez. Bem acolhido, Albert desposou-a em 1705, e levou a consigo para Pondichery. Um anno depois n'esta nascente colonia franceza nascia uma creança, que recebia o nome de sua avó e madrinha. Era a futura M.<sup>me</sup> Duplex. Ao seu baptisado assistiu a madrinha, que fez naturalmente a viagem, que não é longa, de Madrasta a Pudichery para tomar parte na cerimonia. O sr. Guitt encontrou o assento de baptisado. Diz o seguinte:

«Hoje, 2 de junho de 1706, baptizei uma menina chamada Joanna, filha de Jacques Theodoro Albert e da senhora Isabel Rosa de Castro, seu pae e sua mãe. Foram padrinho o sr. Francisco Cuperly, mercador da Real Companhia de França, e madrinha M.<sup>me</sup> Joanna de Castro.

«Assignado F. Thomas, Cap. miss. apost. Cuperly e Albert.»

Assim, Joanna Albert, franceza por seu pae, portugueza por sua mãe, procedia de sangue indiano por sua avó materna. D'essa ascendencia oriental, muito proxima como se vê, vieram-lhe as suas qualidades especiaes; a sua finura, por assim dizer, instinctiva e sua faculdade, que nos foi tão preciosa, de assimilar as linguas e os dialectos do Indostão!

Estas palavras são do biographo francez e elle mesmo que põe em relevo o facto de ser M.<sup>me</sup> Duplex portugueza por sua mãe. Não ha por conseguinte vaidade nacional em reivindicarmos uma parte na sua gloria. Nós veremos porém que ella nunca olvidou essa sua origem, e que tambem ao sangue portuguez deveu algumas das qualidades que a adornavam.

(Continúa)

Pinheiro Chagas.

## RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

IV

EPISODIOS DA CAMPANHA

A 17 de março de 1811, dois dias depois dos francezes terem evacuado Thomar, dava entrada na villa a quarta divisão do exercito anglo luso, commandada pelo tenente general Sir Lowry Cole. Era dia de S. Patricio, padroeiro da nossa Irlanda, e á musica do regimento vinha tocando o canto nacional, o *Patrik's day*; só havia irlandezes nas fileiras, e aquelles sons, vibrando em nossos corações, accordavam vivas saudades da patria distante e tão querida. Ninguém, ao ver-nos, diria que vinhamos enxarcados até aos ossos; com a roupa pegada ao corpo, e a tiritar de frio, pois tínhamos dormido a noite passada ao relento, debaixo de chuva. Servira-nos de colchão a terra empoçada de agua, e de abrigo unico as nossas mantas. Alegres e descuidados marchavamos pelas ruas atascadas de lama, e nem os mais desalentados e rendidos de cansaço resistiam á corrente de entusiasmo produzida pelos sons gratos do nosso *passo doble* favorito. O alvorecer d'este dia, que

vinha despertar saudades da patria e do lar, fóra esperado com anciedade; mas o peor era não haver bebidas nem dinheiro, e estando nós de tal maneira ensoçados, parecia duro, na verdade, termos de passar a festa toda a *secco*.

Não perdemos, ainda assim, completamente a esperanza: vinhamos sempre contando com algum bamburrio da sorte e, deitando o coração ao largo, saudámos o dia do nosso veneravel S. Patricio, com calor tal e tamanho entusiasmo, que mal podem ser avaliados por quem, ainda, em terra estranha não passou dias d'estes.

Aquartellaram nos em um convento arruinado. Havia muitos em Thomar e todos, antes da visita dos francezes, repletos de riquezas. A noitinha foram se chegando os camponezes, conduzindo machos que traziam ódres de aguarde, fabricada no paiz. É o ódre uma vasilha ou borracha, feita de pelle de cabra, solidamente cosida, com as costuras para fóra, bem vedadas com brêu, e, virado para dentro, o pêlo do animal. Tão apetezido estimulante vinha mesmo ao pintar: e encontrou, já se vê, prompta venda entre os que ainda traziam dinheiro, liberaes, alias, em repartir com os menos afortunados camaradas; e para ali se despejaram copos sobre copos ao som das toadilhas: *A velha Irlanda*, a *Manhã de S. Patricio* e outras que taes, entoadas por um milheiro de goelas roufenhas, que atrovam os échos das abobadas, dos claustros e dos extensos corredores.

Gastamos o seguinte dia a palmilhar as ruas da villa, e a cada canto se nos deparavam terriveis destroços, provas bem eloquentes das inauditas depredações do inimigo. Igrejas e conventos, raros eram os que não tinham os postigos arrancados, quer das janellas, quer das portas. Os altares e as teias, convertido tudo em lenha; por toda a parte restos de obra de talha e de esculpturas, queimados ou escavacados em mil pedaços; a cada canto dos pateos e das ruas, pedações mutiladas da Virgem e dos diversos santos, atiradas para cima de montões de lixo e de entulho pela mão vandálica dos soldados da França! Aqui, como, alias, em conjuncturas identicas, observamos tambem em outras terras importantes, tivemos provas do pouco que o inimigo cuidava em enterrar os seus mortos. Predio arruinado em que entrassemos, era certo tropeçarmos, desde a porta, nos cadaveres que juncavam o sobrado: era tal a quantidade, que muitos estavam empilhados aos cantos da casa. Mal abriamos qualquer armario ou iamos a levantar a tampa a uma arca, em busca de objectos uteis ou necessarios, encontravamos gente morta em diferentes graus de putrefacção; achados estes que, mesmo aos mais animosos, tiravam logo a vontade de levar por diante as pesquizas.

No dia 16, estando tudo já em ordem para podermos continuar a marcha, largamos de Thomar, afim de nos irmos reunir á segunda divisão do nosso exercito. Apresentava o paiz que vinhamos atravessando um incessante espectáculo de devastação e ruina, e dava cabal testemunho dos excessos a que se entregára o inimigo que, durante o inverno passado, o estivera occupando. Era um completo deserto: não encontravamos viv'alma, nem rastros, sequer, de folgo vivo; e comtudo, a julgar pelos numerosos pardieiros escalavrados, e os milhares de oliveiras derubadas, esta região devia ter sido, ainda ha pouco, relativamente populosa. De tantas cruces que por aqui se encontram á beira das estradas, nem uma unica ficára de pé: concebia-se que, no acto de passagem, tivessem destruido as de madeira, pequenas em geral; mas as de pedra, tão grandes e fortes, deviam ter custado tanto tempo e trabalho a derrubar, que um tal excesso de malvadez, desacato inutil quanto estúpido, não concorreu pouco, de certo, para exacerbar ainda mais os animos já tão irritados dos habitantes contra os francezes, e explica o horror e a execração que manifestavam, sempre que a elles se referiam.

Ao amanhecer passámos o rio Tejo, por uma ponte de barcas e, n'essa mesma noite, fizemos alto n'uns cabeços, distantes duas milhas da margem. Davam a estas paragens o pomposo nome de acampamentos, e bem pouco o justificavam ellas, visto que, já pela difficuldade, já pela falta de transportes, não appareciam nos taes acampamentos mais de seis ou oito barracas de campanha para outros tantos milhares de homens. Quando, de cançados, não podiamos já ter-nos em pé, atiravamos connosco para o chão, emburalhados nas mantas, e com as muxillas por travesseiros; assim é que dormiamos. Se acontecia andar perto o inimigo, havia logo ordem para ninguem tirar as correias antes de romper o dia, que vinha sempre encontrar nos em armas.

Do outro lado do Tejo, o paiz apresentava aspecto muito differente, porque, durante todo o inver-

no passado, escapára ás visitas dos francezes e, portanto, pouco tinha soffrido das incursões dos exercitos belligerantes. Graças a Deus que, além dos nossos, já vimos rostos humanos; e apesar de estarmos tão affeitos a scenas de desolação e de miseria, nenhuma ainda presenciáramos que possessem comparar-se com o espectáculo que apresentavam as regiões que circumdam Thomar.

Chegados a Portalegre, cidade de certa importancia, muralhada; cujos baluartes ostentavam torres desmanteladas, fizemos alto por um dia e recebemos uma distribuição de sapatos—ou *chavancas*—obra feita no paiz. Não podiam ser mais toscos, apresentando a côr suja do couro mal curtido e, como a maioria dos nossos soldados já nem usassem meias, as costuras martirisavam-lhes os pés, enchendo-os de bôlhas, a ponto de não poderem dar passada—parecia mesmo um batalhão de coxos e estropiados.

reno o 13 de dragões e a informar-se em que condições se achava, n'aquella praça, o inimigo. Não tardou, porém, a descobrir que este evacuará já a praça e ia retirando precipitadamente na direcção de Badajoz.

Os nossos dragões, porém, não quizeram saber da desproporção das forças e, no ardor da perseguição, carregavam vigorosamente a rectaguarda inimiga; mataram um certo numero e aprisionaram alguns homens e cavallos, sem que soffressem perdas importantes.

Assim que houve noticia de um tal rasgo de temeridade, recebemos ordem de marchar a toda a pressa, e percorremos tres milhas a passo dobrado, mas chegámos tarde: os francezes já iam longe; não teriam, porém, escapado illêos se a tempo se tivéra mandado avançar a cavallaria que estava comnosco nas boiças. Os prisioneiros tomados n'esta escaramuça vinham todos bebados;

brodio a todos fez esquecer as fadigas e os trabalhos passados.

Aqui nos demorámos uns dias e os habitantes, que tinham fugido a esconder-se nos mattagaes e nas serras, foram-se pouco a pouco animando a regressar ás suas dilapidadas habitações.

Vinham todos na maior miseria e exultavam com as noticias das derrotas do inimigo commum, saudando-nos com repetidos vivas. Dentro em poucos dias, tão familiarizados estavam comnosco que até armaram uma feira, mas só havia para vender vinho e fructas sêccas. Aqui nos separámos da segunda divisão e depois de uma prolongada marcha atravez de um paiz êrmo e de todo assolado, demos entrada na cidade de Elvas. Esta fortissima praça de guerra está situada no alto de um elevado monte, e defendem-lhe a entrada pontes levadiças. A pouca distancia da cerca da cidade erguem-se dois fortes; o maior é o de Lip-



EVORA — PRAÇA DO GERALDO

(Cópia de uma photographia)

Vimos aqui, tambem, muitos conventos, quasi todos sumptuosos e vastos. Em um d'elles lembro-me de ter admirado uma imagem da Virgem, de tamanho natural, ricamente vestida e adornada, e que achei diferente de quantas, até ali, vira. Segurava em uma das mãos um grande coração de prata e com a outra apontava-lhe uma sêta de ouro. Havia ainda muitos santos no mesmo templo, adornados com identico esplendor; signal certo de que não tinham, ultimamente, por ali passado francezes.

Soubemos que o inimigo estava em Campo Maior, com forças numerosas e, sem mais demora, marchámos para aquella praça. Em Arronches, villasinha que fica a meio caminho, reunimos a segunda divisão e, em breve, veiu ao nosso encontro o marechal Beresford com alguns regimentos de cavallaria ingleza e portugueza, e assumiu desde logo o commando de toda a força.

Cerca de duas milhas de Campo Maior parámos a coberto de umas boiças. Sahuu a explorar o ter-

tinham mettido a saque a povoação antes de a evacuem. A tarde a divisão entrou em Campo Maior, que, poucos dias antes, fôra pelos francezes tomada aos milicianos portuguezes. A brêcha aberta nos muros da cêrca durante o assédio não estava ainda reparada e poucas seriam as casas que não apresentassem visiveis signaes, quer das balas quer das bombas inimigas.

Fomos aquartellados nas casas derruidas, deshabitadas quasi todas; e, conforme era uso e costume, entrámos logo a revolver tudo á procura de viveres ou de objectos valiosos.

N'aquella em que fiquei levantámos os sobrados e arrancámos o fôrro dos tectos, mas não encontramos coisa alguma; até que, no fim de muito escogitar, fomos dar com uns presuntos, escondidos n'uma cisterna sêcca, ao pé da cosinha. Tambem ali achamos umas poucas colheres de prata, que não tardaram em ser convertidas em vinho; accendemos uma fogueira com as tabuas, as ripas e os destroços da mobilia, e em breve o grande

pe, que domina um monte de grande altura e dista obra de meia milha da cidade. A agua é supprida por um aqueducto cujo comprimento não andarâ muito longe de tres milhas e que, visto a certa distancia, antes de chegar á cidade, dá ao conjuncto do panorama effeito em extremo pittoresco e romantico. Tanto a praça como os terrenos visinhos tiveram a fortuna de escapar, n'estes ultimos annos, ás incursões dos francezes, e eram, portanto, bem menos visiveis ali, quaesquer vestigios da guerra, do que em outras regiões que atravessáramos. Abunda em egrejas e conventos magnificos. Emquanto ali estivemos, vimos desfilar pelas ruas diversas procissões das ordens religiosas. As lojas estavam abertas e as classes laboriosas attentas nas suas occupações diarias:—as chusmas de militares e o apparatus bellico eram unicos signaes de que, effectivamente, não muito distante d'ali, andava accêsa a guerra.

Demoramo-nos alguns dias e proseguimos na marcha; passámos por Jorumenha, villa que tem

## MATTA NACIONAL DE LEIRIA



FIG. 1 — PINHEIROS DA PONTE DOS LAVRADORES

(Copia de uma photographia do sr. C. A. de Sousa Pimentel)

um castello sobre um monte dominando o rio Guadiana, o qual n'estas alturas, separa as fronteiras de Hespanha e Portugal. A' tarde a nossa brigada, conjuntamente com o 13 de dragões, e alguns esquadrões de cavallaria portugueza, passou o rio n'uma jangada. As duas restantes brigadas que compunham a divisão, a artilheria allemã e os caçadores ficaram áquem até ao outro dia. A' noite acampámos em frente de uma espaçosa granja a duas milhas do rio e recebemos ordem de não tirar o correia e estar promptos á primeira voz. Puzeram-se sentinellas, e foram, segundo o costume, expedidos piquetes. Emquanto a maioria dos soldados procurava o descanso na cama de relva, eu e mais algumas praças, esgueiramo nos para a rectaguarda e entramos n'um cerrado, nas trazeiras da granja, em que se alojavam os officiaes superiores, e que estava todo semeado a feijões. Lá fomos enganando a fome com os feijões, que nem medrados ainda estavam, e, ao mesmo tempo, cogitando ácerca do destino que levavamos, até que adormecemos. A noite estava amena, e mal tinhamos ferrado no somno quando nos accordou, sobresaltados, um tiro de espingarda, que partiu de muito perto; seguiram-se outros, rapidamente; alguns mais longe. D'ali a nada era já grande o reboliço no arraial—toca a pôr a pé e correr ás armas. Ouvia-se, por toda a parte, em varias linguas, gritar: «Ahi vem os francezes, elles comnosco!» O retinir das armas no desmanchar dos sarilhos; os gritos e clamores do mulhero, emfim, os ruidos de toda a casta, proprios do acampamento, augmentavam, e não pouco, a azafama e a confusão; e os tiros continuavam quasi sem intervallo. Pouco a pouco o fogo abrandou, até que cessou de repente. Ouviu-se, ao longe, um toque de clarim, e restabeleceu-se o silencio, cortado apenas, de vez em quando, pelos brados das sentinellas e o sussurro das vozes, no acampamento.

(Continúa).

Spectator.

del Rey Dom Manoel, no qual existem muitas composições poeticas, ainda ineditas, de alguns dos trovadores do Cancioneiro de Garcia de Resende. Não ficará mal 'nesta folha litteraria a publicação de algumas d'ellas, tiradas d'aquelle limbo ignorado, a que as votou a curiosidade do possuidor do Cancioneiro de mão d'algum fidalgo do tempo.

Não primava elle por grande conhecedor da orthographia, elle, ou o copista, d'onde a necessidade de regulal-a e de a transportar para actual, por não termos caracteres fundidos para a representação de algumas abreviaturas.

De dois poetas do Cancioneiro são as composições apuradas de ineditas, que seguem.

DE D. ALVARO D'ABRANCHES

Tempus inane peto...

Virgílio.

Um tempo sem mal nem bem  
Que a alguns descanso seria,  
A quem espaço não tem  
Isto só te pediria,  
Se m'o merecesse alguem;  
Porque n'elle me ensinasse  
A fortuna, a me doer  
Da vida, se me ficasse,  
Quando de ti me apartasse  
Para nunca te mais ver.

DE D. SIMÃO DA SILVEIRA

Por mas que sea cruel  
Mi grande mal de sufrir,  
Bien me puede descubrir;  
Mas yo no la hare a el.  
Bien puede mi pensamiento  
Apregonar-me por loco;  
Mas yo no siento tan poco  
Que descubra lo que siento

Cod. CXIV.  
2-2

A. F. Barata.

## POETAS DO CANCIONEIRO

Ha na Bibliotheca de Evora um codice *in folio* de letra do seculo xvi, d'onde já em 1883 desentranhei uma satyra, que por então se publicou com uma sabia introdução do sr. dr. Theophilo Braga: *Trovas que se fizeram nas terças no tempo*



FIG. 2 — PINHEIROS DE RESERVAS OU BRAZÕES

(Copia de uma photographia do sr. C. A. de Sousa Pimentel)

POESIAS DE ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO  
(VISCONDE DE CASTILHO)

## TEXTO

*Invocação a Deus antes de começar o estudo*

HYMNO PARA SER CANTADO NAS ESCOLAS INFANTIS

Tu, cujo amor em canticos  
Celebram, sem cessar,  
O mundo dos espiritos,  
O céo, a terra, o mar—

Senhor, acolhe as supplicas  
De pobres filhos teus  
Illustra-nos! melhora-nos!  
Ampara-nos, o Deus!

A luz (disseste) faça-se;  
E a noite em luz se fez:  
Dissipe, egual prodigio  
A sombra em que nos vês!

Nas trevas da ignorancia  
Não medra o santo amor:  
Illustra-nos! amemo-nos!  
Senhor! Senhor! Senhor!

## TEXTO

CANTICO DA MANHÃ

Que alvor! que amor! que musica  
Nos céos, em mim, no ar  
A' festa da existencia  
Me vem resuscitar!  
Nasço a cantar co' os passaros!  
Surjo a brilhar có' a luz!  
Envolta em rosas candidas  
Ledo retomo a cruz.

FORTE DO SER! ESPIRITO!  
MYSTERIO! CREADOR!  
Eis-me! sahi de um tumulo,  
Como da terra a flor,  
Eis-me! eu te escuto! emprega-me!  
SENHOR! que vou fazer?  
— «Ama (bradou voz intima)  
«Amar cifra o dever».

A. F. de Castilho.

## VERSIONE

*Invocazione a Dio prima di cominciare lo studio*

INNO PER LE SCUOLE INFANTILI

O Tu, di cui continuo  
L' amor stanno a lodar  
Il mondo degli spiriti,  
Il ciel, la terra, il mar—

Signor! odi le suppliche  
Dei tristi figli tuoi,  
Inségnaci! miglióraci!  
Sálvaci tu, che il puoi!

La luce (hai detto) fácciasi;  
E si fé luce allor:  
Dissipi egual prodigio  
Dell' alma il tenebror.

In cor che vive in ténebra  
Non cresce il santo amor:  
Oh! Tu ci insegna! amiámoci!  
Signor! Signor! Signor!

## VERSIONE

CANTICO DEL MATTINO

Che alvor! che amor! che musica  
Nell' aria, in cielo, in me!  
Della esistenza é il giubilo,  
La festa mia questa é.  
Nasço a cantar coi pásseri!  
Col Sol sorgo a brillar!  
Cinta di rose candida  
La croce allor mi appar.

FORTE DELL' ÉSSER! SPIRITO!  
MISTERIO! CREATOR!  
Eccomi! uscii da un tumulo  
Come dal suolo il fior;  
Eccomi! t' odo! impiégami!  
SIGNOR! che devo far?  
— «Ama (gridó un suon intimo)  
«Del dover somma é amar».

Prospero Peragallo.

A GAZETA DE LISBOA E O DIARIO DO GOVERNO

(Continuado do n.º 579)

Subindo ao throno a rainha D. Maria I e sendo demittido de todos os seus cargos politicos o marquez de Pombal reapareceu a suspensa gazeta continuando com o privilegio os officiaes da secretaria dos negocios estrangeiros e da guerra como se vé do alvará de 22 de março de 1781 no qual concedendo-se o privilegio á Academia Real das Sciencias para privativamente imprimir publicar e vender as obras que ella fizer, se substabelecem os antigos privilegios referentes ás outras publicações periodicas:—

... que nos referidos privilegios — diz o alvará — fiquem salvos os concedidos aos Officiaes da Secretaria dos Negocios Estrangeiros e da Guerra na impressão da *Gazeta de Lisboa* e os concedidos á Congregação do Oratorio de S. Filipe Nery a impressão do *Diario Ecclesiastico*, vulgarmente chamado *Folhinha*, bem como o privilegio a Felix Antonio Castrioto para o *Jornal Encyclopedico*.

A gazeta que até 1762 havia sido impressa na *Impressão da Secretaria d'Estado* passou a imprimir-se na Regia Officina Typographica, mas convem dizer que já ao tempo da ratificação, ou renovação d'esse privilegio, isto é, desde 4 de agosto de 1778, a gazeta se publicava sendo dirigida por Felix Antonio Castrioto.

Em 13 de janeiro de 1798 falleceu Castrioto que já havia muito se achava inutilisado pelo seu estado valetudinário.

Suppõe-se que as gazetas de 1794 fossem redigidas pelo padre José Agostinho de Macedo, provavelmente por doença de Castrioto.

E quem dirigiu a publicação das seguintes ás de 1797 depois da morte de Castrioto?

Seria tambem o padre Agostinho de Macedo?  
Seria frei Fortunato de S. Boaventura?  
Ignora se.

Aos que dizem parecer-lhes ter sido este ultimo, temos a replicar que o duvidamos pela simples razão de frei Fortunato ser a esse tempo muito novo e andar cursando a theologia na Universidade de Coimbra.

Aos que opinam ter sido o padre José Agostinho de Macedo affigura-se-nos não estarem muito longe da verdade. Agostinho de Macedo havia redigido — segundo é notorio — as gazetas de 1794, e, se assim foi, porque não redigiria elle as que se seguiram á morte de Castrioto?

É parece-nos que ha fundamento para tal suppôr; D. Maria I. da qual Macedo fez mais tarde o panegyrico, muito considerava esse padre e o nomeou Censor Ordinario.

A' falta pois de solidos argumentos é de crêr que fosse o padre José Agostinho de Macedo, o esturrado propugnador do absolutismo, que redigisse as gazetas de Lisboa, pelo menos até 1808 anno em que Portugal foi invadido pelos francezes.

Desde 5 de fevereiro de 1808 (N.º 5 da gazeta) até á expulsão dos francezes, em 24 de agosto (N.º 31 da dita) a publicação d'essa folha noticiosa correu sob as ordens de Junot e n'ella foi substituido o escudo das armas reaes portuguezas, que a encimava, pela aguia imperial<sup>1</sup>.

Foi desde então que a celebre Gazeta teve por director Mr. Pierre Lagarde intendente geral da policia, que fez d'aquella folha o órgão official do governo francez.

Ferindo-se em 21 de agosto a batalha de Vi-

<sup>1</sup> Esta só figura do 2.º Supplemento do N.º 16 em deante.

meiro, na qual o exercito francez foi derrotado e assignando-se no dia 30 a convenção de Cintra, Junot e seus soldados tiveram de evacuar a capital effectuando-se no dia 15 de setembro o embarque das tropas napoleonicas e portanto a restauração do reino e a formação do governo provisório.

No dia seguinte sahiu o N.º 31 da Gazeta. Esse numero veio repetido pois que o outro N.º 31, datado de 24 de agosto, havia sido publicado pelos francezes como acima dizemos.

O redactor Francisco Soares Franco dá n'aquelle numero umas curiosas explicações ao publico ácerca da maneira como Lagarde o havia redigido e promettendo proseguir elle, Soares Franco, na direcção da folha com toda a prudencia que as circumstancias então exigiam.

Francisco Soares Franco, homem de grande finura e muito entendido em assumptos jornalisticos — e que, mais tarde, foi deputado ás côrtes Constituintes — dirigiu a Gazeta como redactor em chefe até junho de 1813. N'esse tempo, porém, começavam a germinar as ideias liberaes trazidas á capital pelo eclipsar da estrella de Napoleão e pela politica oppressiva da Inglaterra, ideias a que a regencia tentou resistir, mas debalde, porque o momento da regeneração ia-se aproximando.

Soares Franco era um dos homens mais influentes n'esse movimento e foi desde logo condemnado como perigoso, a ser afastado dos negocios publicos.

E' evidente que a sua substituição como director da folha official se tornava indispensavel aos conservadores.

Soares Franco foi pois exonerado d'aquelle cargo de confiança, sendo nomeado em seu lugar Joaquim José Pedro Lopes, official do ministerio dos negocios estrangeiros e já então muito conhecido por um dos mais exaltados absolutistas.

Debaixo d'essa nova direcção se conservou a Gazeta de Lisboa até ao N.º 313, de 30 de dezembro de 1820, em que tendo os acontecimentos mudado de phase pela gloriosa revolução liberal, a velha absolutista foi substituida pelo juvenil *Diario do Governo*, ou, para melhor dizer, fundida com elle, porque o *Diario* já se achava em publicação desde 16 de setembro do referido anno.

O dia 16 de setembro foi o seguinte áquelle em que se formou em Lisboa a Junta Provisional do Governo Supremo do Reino, creada pela mesma revolução.

O 1.º numero do *Diario* trouxe, entre outros artigos, o auto do juramento de obediencia, feito pela nobreza do reino á dita Junta Governativa e a noticia de ter fundado no dia 10 no porto de Lisboa, vinda do Rio de Janeiro, a nau *Vengour*, trazendo a bordo lord Eeresford, e relata as providencias que o governo entendeu tomar para impedir o desembarque do general inglez.

O formato d'essa folha foi o de folio (papel almasso) a duas columnas, sendo estampado na *Impressão Regia*. Era seu redactor Antonio José Maria Campello,

(Conitnúa)

Silva Pereira.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do numero antecedente)

**Legenda de Ortu, etc., por S. Thomaz de Aquino.** Escripito sobre pergaminho muito fino, com grossos caracteres do XV seculo, a duas columnas por pagina; tem as letras iniciais coloridas e os titulos dos capitulos escriptos a vermelho. Tem na quarta folha, no verso, uma pequenina e delicadissima miniatura representando S. Thomaz instituinte sete frades uma freira da sua ordem. D'este auctor possui ainda a *Bibliotheca Nacional* duas outras obras: *Secunda Secundo* e os *Opusculos*. Ambas são escriptas em pergaminho, rubricado e capitado a vermelho e azul; a letra é a germanica do seculo XV. Como não são enriquecidos de miniaturas por isso as tratamos de leve n'este trabalho, merecendo, porém, a maior consideração, como obras que são do afamado *meistre das sentenças*.

**Liber creaturarum, etc., por Raimundus Sibundus.** Um volume in-folio de pergaminho escripto em caracteres francezes do seculo XV a duas columnas por pagina.

Esta copia foi feita sobre o proprio original, no anno de 1452, como se collige d'uma nota que traz na ultima folha, e sem a qual não poderiamos conhecer o nome do auctor, do copista Guihelmo Batistiano, bem como as datas do original e da copia e nem mesmo o titulo verdadeiro da obra porque faltam a este manuscrito as folhas do principio.

**Livro das capellas, missas e anniversarios que se dizem neste mosteiro de S. Vicente,** etc. Manuscrito executado em bom pergaminho com boa letra romana e italiana, tem cercaduras e letras iniciais illuminadas; foi escripto pelo Rev.<sup>o</sup> conego D. Marcos da Cruz no anno de 1619.

**Livro das Vesperas.** Grande manuscrito com illuminuras sobre pergaminho e as quaes são de pagina inteira, de folha de tamanho maximo.

Uma das illuminuras tem uma tarja magnifica de execução, é de arabescos e ornamentos a ouro, e parecem tintas a agua, as côres, porém, do quadro do centro, que representa a Virgem e o Espirito Santo, é pintada a oleo. É de rasoavel factura. No fim, n'um centro d'uma pagina, ha um e cudo muito ornamentado, que occupa uma pagina toda, no qual se lê:

«Este livro mandou fazer sra Dôna Anna d'Ataide Abadessa que foi deste mosteiro. Fello um religioso da mesma ordem em Ano de 1628.»

No principio e no meio do livro ha dois braços.

Um d'elles é o dos Athaydes, porém, tem a differença de que a onça do timbre, que alguns heraldicos nos dizem ser sentada, está passante e só tem tres bandas de prata, quando devia ter quatro, como no escudo.

O segundo, julgamos que seja o dos Achioli, com a differença que o leão do timbre e do escudo, não é azul mas sim escameado com esse esmalte.

Este manuscrito pertenceu ao convento da Ave Maria, do Porto.

**Manuale chori,** escripto em forte pergaminho com letra do XV seculo. Tem algumas capitaes illuminadas com muita originalidade.

**Manual da Missa,** pequeno volume com illuminuras insignificantes. Muito usado. A letra mostra-nos que é do seculo XVI.

**Mæriel, Methode pour apprendre en très peu de temps la langue latine.**

Esta grammatica, para o duque de Borgonha e ao qual foi offerecido este proprio exemplar, como se deprehe de do brazão gravado na encadernação: escudo com tres flôres de liz; é escripta em magnifico pergaminho, com bellissimos caracteres dos fins do seculo XVII, com delicadissimas illuminuras e iniciais douradas. É uma verdadeira belleza. É de alto valor. Como chegaria esta preciosidade ás nossas mãos, a Portugal?

**Missale.** Manuscrito em oitavo, de bom pergaminho, muito fino e lustroso, com caracteres germanicos do XIV seculo. Nas suas CCCLXIX paginas, vêem-se tarjas e letras iniciais illuminadas com diversas tintas.

**Missale fratrum ordinis. Beata Maria de Monte Carmeli.** Manuscrito, em pergaminho, com caracteres grossos mas bem formados, do XV seculo com tarjas e iniciais muito bem illuminadas, tendo algumas delicadas miniaturas em estampas grandes.

**Missale Pictavensis, in folium,** escripto em pergaminho com caracteres maiusculos do XV seculo; é notavel pela sua magnificencia, egualidade de pergaminho, regularidade da letra, brilho do ouro e viveza das côres, e especialmente pela delicadeza e riqueza das illuminuras, das tarjas e letras iniciais, de cada um dos *Introitos* e *Orações*. Infelizmente mão barbara, selvagem, desalmada, emfim, lhe mutilou onze iniciais e quatro das tarjas, decerto as mais formosas. É de indignar até um santo!

A Bibliotheca de Santa Genoveva, possui um exemplar impresso d'este missal, feito por Johanne Higman em 1498 na *Academia Parisiense*.

**Missas,** manuscrito cuja escripta abrange talvez dos fins do seculo XV ao XVII.

São variadas as illuminuras que constam das letras capitaes, sendo para notar uma sobre fundo côr de laranja.

Na capa tem oito bellos cantos de metal e outros tantos pregos. Os cantos tem a cruz de Christo.

**Nicolaus Trivet, Expositio viginti librorum Titi Livi.** Dois grandes manuscritos em pergaminho, constituindo um dos mais soberbos codices do seculo XIV. É de letra bem lançada e é escripto a duas columnas por pagina.

A primeira folha do primeiro tomo é enriquecida com uma estampa esplendidamente illuminada, a qual representa o celebre Dominicano inglez, Nicolaus Treveth, escrevendo a sua obra; é rica, e de notavel correcção a architectura. As cercaduras e as letras capitaes são de subido primor e executadas com finissimas tintas e ouro brunido.

No segundo volume vê-se o logar que estava destinado a uma outra illumina que se não fez.

Os dois livros tem solida encadernação franceza, de couro com ornatos dourados.

**Officia sanctorum;** pertenceu este manuscrito ao convento de Santa Joanna (Lisboa). É um livro de cantochão. As letras capitaes são muito bem desenhadas e illuminadas. Um outro exemplar, tem no frontispicio uma descorada e grosseira miniatura representando a Assumpção da Virgem. Ha ainda outro exemplar.

**Opera Medica et Anathomica. 1400 a 1452** por *Arizena.* Manuscritos, cinco volumes *in folium*, em pergaminho, a duas columnas, caracteres francezes do XV seculo, algumas tarjas e letras capitaes nitidamente illuminadas.

**Orações e ritos do mez de novembro.** Manuscrito de pergaminhos em folio grande. Tem muitas letras illuminadas, tendo varios fundos que, por serem a meias tintas e intonações pouco usadas n'este genero de pintura, nos mostram ser do seculo XVII.

(Continúa)

Esteves Pereira.

## SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º 579)

### III

#### A CARTA

Estevam abriu e a filha do José Elias entrou, n'um desalinho pudico, os olhos vermelhos de chorar; e antes que elle pronunciasse a exclamação de surpresa que lhe fluctuava nos labios, a rapariga lançou-lhe os braços ao pescoço, com o mesmo soluçar hysterico que n'aquella manhã abafara no seio da mãe.

Estevam consolava-a, ediotamente, desnortado pelo imprevisito d'aquella situação:

— Então, socega... Que tens tu filha?... Não chores assim, olha que podem ouvir...

Ella não respondia, não o attendia; e as suas lagrimas cahiam, abundantes e afflictivas, nas mãos com que o rapaz a apertava.

— Que tolice! Porque choras tu? Ouve... Vá, não sejas assim... Dize-me o que tens... É por causa da nossa zanga? Bem, não chores, esquece-se tudo e ainda ficamos mais amigos do que antes eramos.

A sua voz tinha a doçura insinuante de um arrependimento e de um perdão, e sentando-se com ella n'um velho canapé de junco, desligou-se dos seus braços, ergueu-lhe a cabecinha afflicta, e beijou-a muito, na bocca, nos olhos, bebendo-lhe as lagrimas com balbuciações de conforto.

Muito tempo se conservaram assim; ella abandonando-se ás caricias de Estevam, não cessara de chorar, e da sua bocca convulsa apenas saham os haustos afflictivos dos soluços. Ao passo que aquella debordante expressão de dor ia afrouxando, um confuso enleio começava a perturbal-os; as lagrimas, que tinham facilitado os primeiros momentos da entrevista, estancadas agora, parecia terem deixado as suas almas secas de emoção. E ao mesmo tempo que Clara, com os olhos enxutos, curvara silenciosamente a cabeça, Estevam achou-se sem palavras e sem caricias que pudessem confortal-a.

Durante alguns momentos aquelle silencio mortificante, foi só quebrado pela respiração cansada dos dois; todavia o rapaz reagiu, e tomando docemente uma das mãos que Clara aninhara no regaço, murmurou:

— Ora agora que já estás mais tranquillada, não me dirás porque era todo esse choro? Que te fiz eu? Não te tenho amado sempre, mesmo apesar das desigualdades do teu genio?

— Tu?

— Eu, sim. Que tu, minha filha, tens uns caprichos!... Por eu, n'um dia de mau humor, não ter denguiques, logo te zangaste! Porque, repara bem, se estivemos tanto tempo sem fallar, foi só por tua culpa.

— Ah, a culpa foi minha!...

— Não?!... fez elle, recuando, n'um espanto theatral.

Ella sorriu nervosamente:

— Foi, foi; a culpa foi só minha. Eu é que sou a culpada de tudo. Tu amas-me muito, não é verdade? Durante esses longos dias em que não communicamos, soffreste muito não soffreste? Tudo foram vigílias, desesperos... Só eu, insensível a tudo, passava os dias a rir e a folgar...

E com extranhos lampejos no olhar, a rapariga cacarejou umas risadinhas seccas nervosas, de louca.

Estevam encarou-a silenciosamente, com passo.

Clara, excitada, arrancou do seio um papel, e

exhibiu-lhe, bem perto dos olhos attonitos, a carta que, dias antes, elle escrevera á brasileira do Palmeirão.

— Conheces isto?

Elle empallidecera; a surpresa não o deixou mentir. Balbuciou:

— Mas... como veio isto ter ás tuas mãos?...

— Que importa? Talvez fosse uma prenda da menina do Palmeirão.

— Tu sabes?!... — fez elle, cada vez mais surprehendido, sem pensar em occultar-se.

Clara, sentindo a sua superioridade, ia modificando as suas recriminações em ironias. Respondeu-lhe:

— Trezentos contos, são muito dinheiro, não é verdade?

— Mas...

— Pesam mesmo muito mais do que a filha de um sacristão... sacrificada pois não é assim?

Elle, sem saber o que responder-lhe, gesticulava confusas mimicas de protesto. Clara voltou:

— Meu Deus! não sei porque te affliges assim. Tu tens muita razão. Viste-me docil e aproveitaste a minha docilidade: nada mais natural; a culpa foi só minha. Passado tempo, aborreceste-te... Também não é motivo para espanto: quaes quer delicias, muito repetidas, ou sejam de amor ou sejam de cosinha, enjoam sempre. No meio de todo este tedio, olhaste em volta de ti, e viste um novo acepipe... quero dizer: uma mulher que te garantia com a sua belleza, novas sensações, e com a sua riqueza um futuro prospero e ditoso. Aproveitas-te, fizeste bem.

Estevam, ao lado, escutava estas palavras, profundamente admirado da nova attitude que a amante tomara. Abstrahido n'esta preocupação, não notara o singular tremor que agitava os labios de Clara e a dissonancia com que a sua voz proferira as ultimas palavras. Vendo-a emmudecer, de subito, com o seio levantado pela commoção, o rapaz ia a fallar quando ella rompendo outra vez n'um choro hysterico, lhe lançou allucinadamente os braços ao pescoço mordendo a voz, bem junto da face d'elle, com os olhos esgasiados n'uma sombria expressão de loucura:

— Não não; não me has-de deixar, não quero que me deixes! Pertenceo te pertences-me! És meu como eu sou tua! E não quero, vê bem! não quero que ames outra. Matava-te!... Ah!...

E de subito, quebrada aquella nervosa energia que a allucinava, deslaçou os braços do pescoço de Estevam, e cahiu para o lado, como morta, a bocca ligeiramente e torcida n'uma contracção de dôr.

(Continúa.)

## NECROLOGIA

### MARQUEZ DE POMARES

Poucos homens publicos tem descido á campa levando, como o nobre marquez de Pomares, um nome tão immaculado e tão cheio de respeito pela sua honradez e pureza da sua consciencia sempre propensa ao bom e ao util.

Foi um exemplificado, das virtudes do coração e da alma. O seu character de homem digno e bom transluziu nas mais santas manifestações da justiça e da caridade.

Nascera fidalgo e a sua individualidade sympathica ressumbrava essa distincção.

Nos elevados cargos publicos que exerceu foram modelos a sua honra, e a sua actividade e a sua lealdade.

Do amor que possuia e da piedade que lhe inspiravam as classes pobres deixou monumento fecundo, prova da sua piedade — o *Asylo de raparigas abandonadas* do qual foi provedor desvellado dispensando em os mais generosos rasgos de phylantropia os seus beneficios á pobreza.

O marquez de Pomares, D. Luiz Maria da Luz Carvalho Daun e Lorena, nasceu em Lisboa, freguezia da Lapa, a 5 de maio de 1828. Contava portanto cerca de sessenta e sete annos de idade. Era filho dos segundos condes da Redinha, D. Nuno Gaspar de Carvalho Daun e Lorena e D. Maria Victoria de Sampaio Mello e Castro, neto paterno dos terceiros marquezes de Pombal e materno dos primeiros marquezes de Sampaio.

Casou em 30 de janeiro de 1860, com D. Maria Manuela de Brito e Castro de Figueiredo e Mello da Costa, sua sobrinha filha de sua irmã D. Maria Inez da Luz de Carvalho Daun e Lorena e do dr. Antonio de Brito e Castro de Figueiredo e Mello da Costa.

Exerceu, o marquez de Pomares os mais altos



MARQUEZ DE POMARES

FALLECIDO EM 2 DE DEZEMBRO DE 1894

cargos durante a sua vida publica, sendo deputado ás côrtes em varias legislaturas, representando o 1.º bairro de Lisboa. Foi tres vezes vereador do municipio de Lisboa, sendo eleito presidente nas duas ultimas vezes. Exerceu por tres vezes as funcões de governador civil, pelos decretos de 7 de setembro de 1870, de 23 de outubro de 1879 e 9 de dezembro de 1886, tendo sido exonerado a seu pedido, pelos decretos de 6 de fevereiro de 1871, 12 de outubro de 1880 e 13 de dezembro de 1888. Era vogal extraordinario do supremo tribunal administrativo, sendo nomeado por decreto de 3 de fevereiro de 1888.

Par do reino vitalicio, commendador da Conceição, gran-cruz de Leopoldo da Belgica, marquez por decreto de 26 de maio de 1886; presidente da assembleia geral da Empresa Tauromachica; vice presidente da Sociedade da Cruz Vermelha e presidente da grande Commissão Central 1.º de Dezembro.

Foi no dia 2 de dezembro do anno passado que morreu o sympathico marquez de Pomares, um verdadeiro homem de bem, pois que apesar de haver tido uma vida politica activissima d'ella saíu com o seu nome immaculado.



FRANCISCO II — EX REI DAS DUAS SICILIAS

FALLECIDO EM 23 DE DEZEMBRO DE 1894

O soberano, infeliz, recentemente fallecido, era, desde longos annos, para os contemporaneos, um homem, morto, moralmente.

Francisco II, nasceu em 16 de Janeiro de 1836; e, por morte de seu pae, o tão aborrecido e não menos vilipendiado *Rei Bomba*, subiu os degraus do throno a 22 de Maio de 1859.

A historia do seu reinado apresenta série ininterrupta de erros politicos e de constantes provas de incapacidade governativa, circumstancia, a que elle, fraquissimo filho de um pae já assaz, fraco, deveu o apôdo de *Rei Bombeiro*. Não foi pois dif-

ficil a Garibaldi, á testa dos seus aguerridos voluntarios, derrubar do throno, já de si tão abalado, do reino das Duas Sicilias, esta ultima vergonhea da dynastia borbonica, que tanto concorrêra pela sua incapacidade a enfraquecer-lhe o prestigio.

Francisco II, despozara a 3 de Fevereiro de 1859, a princeza Maria, filha do Archiduque Maximiliano da Baviera e irmã da imperatriz Isabel, de Austria. Era a rainha Maria de seu natural tão energica, quanto fraco regio esposo, e a ella se deve ter-se podido manter até 13 de Fevereiro de 1861 a fortaleza de Gaéta, dentro de cujas muralhas vieram buscar abrigo os reaes conjuges, contra as forcas do exercito sardo.

O Rei Francisco residiu sempre, durante os ultimos annos de vida, ora em Paris ora em Munich, e por muito tempo ainda, empregou assiduas diligencias, no intuito de encommendar o governo da Sardenha; creando-lhe difficuldades internas e promovendo, disturbios; assoldadando, para tal fim, posto que com mediocre resultado, quadrilhas de salteadores.

Morreu sem deixar descendentes.



Recebemos e agradecemos:

*Alma patria, por Abundio da Silva, Lisboa 1894.* — Graciosa anthologia, em que o auctor — poeta verdadeiro — ramilhetou algumas das suas formosas poesias. Pela leitura d'ellas se vê a facilidade com que maneja os diversos generos; o epico, o lyrico e o narrativo.

São muito sentidas as poesias *Minha mãe, Emigrando, etc.* E' graciosa a poesia *A missa campal* que termina por uma quadra cujo ultimo verso é deveras ironico.

Não podemos deixar sem notar a poesia *O anarchista* a qual tem muita verdade de observação e ideia muito propria.

Ao sr. dr. Abundio da Silva agradecemos o seu volumezinho e a immerecida dedicatória com que nos brindou.

*Le Monde Moderne, Revue Mensuelle illustrée Janvier 1895, H. Quantin Editeur, 5, rue Saint Benard, Paris.* — Magnifica publicação, como só as podem fazer os editores francezes mercê dos elementos que encontram, e circumstancia importante é a vastidão do mercado que alcançam. Repleta de photogravuras, impressa em papel esplendido com extraordinaria nitidez, é mais um *magazine* de leitura util para o espirito vulgarizando os conhecimentos não só litterarios e artisticos mas subjectivos a todas as sciencias.

A sua redacção é constituída pelos mais notaveis escriptores, e melhores artistas.

*Revista Contemporanea, — Brazil — Pernambuco. Redactor-chefe França Pereira. Publicação bimensal, 15 de agosto de 1894. — N.º 1 até 8.* — Este periodico é bem redigido. Os numeros que temos presente inserem artigos de valor scientifico e litterario.

E' de molde a sua redacção a lêr-se com agrado mercê dos seus delicados contos a par dos cathedrauticos artigos de fundo versando sobre sciencia.

*O Amazonas, por Oscar Leal.* — Conferencia realisada pelo auctor na Sociedade de Geographia de Lisboa.

N'esta conferencia descreve o auctor, rapidamente a formosa provincia do Amazonas. Indica dados importantes, adquiridos durante uma excursão ao Alto Amazonas. Representa, pois, este folheto muito estudo.

Completam este livrinho uns apontamentos grammaticaes sobre a linguagem dos *cocamas*, os quaes são muito interessantes.

*Archivo dos Açores. Numero 72, decimo segundo volume. 1894. Ponta Delgada — Ilha de S. Miguel.* — O presente folheto é o ultimo d'esta preciosissima collecção e assim com elle termina o grande repositório de historia, utilissimo manancial de onde se poderão em todo o tempo extrahir preciosos documentos e elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana.

*Estatutos da Associação Setubalense de Soccorros*

*Mutuos das classes laboriosas.* — Mais uma instituição de previdencia. Bom é que assim seja. E' uma das notaveis formas do progresso.

*Almanach do professorado primario para 1895, por Manuel José Ferreira. 1.º anno. Coimbra. Imprensa Academica* — Extremamente util aos professores primarios a quem é destinado; é tambem muito proveitoso este almanach a todos que se interessem pela instrucção.

Contém nas suas quatrocentas paginas curiosas noticias historicas e legislativas. Trata largamente do 1.º congresso dos professores primarios portuguezes e muitas indicações indispensaveis aos membros do magisterio.

*Carta organica, das instituições administrativas nas provincias ultramarinas annotada por J. A. Ismael Gracias. Nova edição muito melhorada. Nova Gôa, Imprensa Nacional, 1894.*

O novo trabalho do infatigavel portuguez sr. Ismael Gracias, que temos presente, é precedido de em prologo (pag. v a xiii) em que o autor espõe nitidamente a legislação que á India se tem dado por parte do reino de Portugal, e d'esse prologo destacamos as seguintes linhas que por si justificam a razão de ser da obra de que fallamos o que certamente constituem um verdadeiro elogio para o seu auctor quando assim interpretado.

Diz pois o sr. Ismael Gracias:

«Felizmente para nós, a ultima reforma da instrucção secundaria da India, instituiu a cadeira de principios de Economia Politica, de direito administrativo no Lyceu Nacional de Nova Gôa. Oxalá, a mocidade aproveite o ensejo para cultivar essas sciencias que resplandecem em todos os centros civilizados, e cuja noção é essencial, assim, ao funcionario publico e ao civilista como, ao simples cidadão nas diversas situações em que se encontra e das multiplices relações com o poder publico

«E' á juventude estudiosa que destinamos especialmente este opusculo, pois que o governo da provincia, organisando o programma da referida cadeira mandou adoptar n'ella para o ensino anterior a edição do *decreto de 1.º de Dezembro de 1869 annotado*, publicado com modestos intuitos em 1884. E' principalmente por isso que, demos agora desenvolvimento a varios pontos, juntando ainda um abreviado esboço da constituição colonial da visinha India, que nos traz cercados e comprimidos por todos todos os lados».

E termina frizando o valor do conhecimento que nos deve merecer a constituição da India e insiste demonstrando como a Inglaterra tem comprehendido bem o problema da administração do imperio anglo-indiano.

E' na adopção do *Decreto 1.º de Dezembro de 1869 annotado* pelo sr. Ismael Gracias, como compendio a seguir no ensino da cadeira de Direito administrativo no Lyceu de Nova-Gôa, que está o maior louvor e encomio que se pôde dizer subjectivamente ao presente trabalho.

São extremamente interessantes as copiosas notas que explicam certos passos do texto as quaes evidenciam profundo estudo e tornam curiosissimo este opusculo.

Ao sr. Ismael Gracias telecitamos duplamente pela adopção d'este seu trabalho como compendio e pela nova edição d'elle o que n'um mercado extricto é altamente lisongeiro.

## Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» Para 1895

Está publicado e á venda este interessante anuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando a Batalha das Flores no Campo Grande.

Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empresa do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

### Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.  
Preço da capa e encadernação 1\$200 réis.

### Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho Mo,desto & C.ª